

George Felipe de Lima Dantas

Segurança nas Escolas: Só nas Escolas?

A segurança, ou a falta dela, nas escolas, é um tema que deve levar a uma reflexão sobre o tempo de crime e violência em que vivemos. Ele é um tempo de insegurança crônica, condição que chega a ser aguda em algumas escolas, mas não só nelas, como também em vários outros lugares, até mesmo locais outrora verdadeiros "santuários" em meio ao que existisse de mais profano e mundano. É uma insegurança que não se restringe apenas ao antigamente respeitável e venerável ambiente escolar ("berço sagrado do saber e das nossas crianças e jovens"), mas que se estende hoje até mesmo aos templos, hospitais e cemitérios, locais tradicionalmente intransponíveis pelo crime e pela violência. É perturbador, por exemplo, transitar pelo ambiente de arquitetura prisional em que foi transformado o desenho interno das instalações do Hospital Regional do Gama (HRG), hoje um verdadeiro labirinto de grades e portões de metal (bastante grosseiros por sinal...), onde pacientes e profissionais daquele nosocômio são expostos a uma infinidade de obstáculos, triagens e abordagens de vigilantes, talvez até mais do que aos cuidados, consultas e exames que ali vão demandar dos profissionais de saúde da instituição. O ambiente é tenso -- médicos, enfermeiras e demais profissionais da área -- ressentem a disfunção psicossocial que isso representa, quando tal ambiente deveria ser condizente com um usuário de serviço que é essencialmente vulnerável e carente, não só por sua por sua condição socioeconômica (que não lhe permite acesso a serviços médicos privados), como também pela natureza dos serviços que ali vai buscar da parte do Estado. Não é diferente nas escolas. Talvez até pior. É lá que passam boa parte do tempo aqueles que compõem hoje o maior grupo de risco para o crime e violência - indivíduos jovens e do sexo masculino -- alguns deles, inclusive, já cooptados pela chamada "sub-cultura da violência", jeito de viver em que estão ausentes os pré-requisitos para a resolução pacífica de conflitos, mas muito presentes a glamorização do machismo e, pior que tudo, freqüente a posse e uso de armas de fogo. Foi esse tipo de jovem, e de "sub-cultura", que produziu a morte do Professor Carlos Ramos, professor e ex-diretor do Centro de Ensino Fundamental 4 do Lago Oeste, herói que corajosamente enfrentou a questão das drogas nas escolas.

Soluções "policialescas" resolvem?

É bem sabido, até mesmo pela relação existente entre a população prisional masculina e feminina, que os homens estão expostos ao crime e violência cerca de 20 vezes mais que as mulheres (aos mais de seis mil internos masculinos do Distrito federal, não chegam a 500 as internas da unidade feminina). Não parece, ao menos considerando a população escolar masculina de 15 anos em diante, que a cultura da paz social e da lei e da ordem, da cooperação e da não-violência, seja prioridade educacional máxima, ensinada a eles, na "agenda" das nossas escolas, já que, evidentemente, não o é nos seus próprios lares, a "escola por excelência". Talvez estejamos preparando-os para o mercado de trabalho depois da escola, mas certamente esquecendo a prioridade psicológica, social e cultural que seria prepará-los para a vida em sociedade, com isso implicando na própria sobrevivência física deles, de seus concidadãos, e dos seus próprios pais e mestres inclusive. Não só os professores estão morrendo em mãos de alunos, mas hoje já é desgraçadamente corriqueira, também, a morte de pais e mães por seus próprios filhos... A disfunção maior que tudo isso esconde está materializada na recorrência com que a gestão pública se vale de "soluções policiais" para a escola, ou "policialescas" como no

caso dos hospitais. Elas não possuem poder efetivo de impactar positivamente uma situação estrutural como é a representada pela criminalidade e violência instalada no seio da sociedade do Distrito Federal (como de resto no Entorno e demais cercanias da capital federal). O "fetiche policial" instalado entre nós como "remédio da insegurança", não passa de paliativo político, mas de demanda e responsabilização crescentes, "bode expiatório" que só faz esconder o correto encaminhamento de tão importante questão - desarmar corações e mentes com políticas, planos, projetos e ações de uma "educação para a paz". A polícia, ainda que instituição social da maior importância, não pode fazer o papel de todas as demais instituições... Mas existem "boas notícias" no que tange a "educação para a paz", caso das restrições legais para a posse e uso de armas, bem como de uma novíssima "tolerância zero" para o consumo de álcool e condução de veículos por aqueles que assim insistem em proceder, produzindo milhares de vítimas fatais ou não.

Um tempo de reexaminar tudo

As más notícias incluem a relativização de instrumentos de controle físico de criminosos, caso das algemas, que vergonhosamente passaram a ter outra significação quando envergadas por indivíduos que "não são comuns", algo compatível com a excrescência de uma "prisão especial", consolidada na legislação, novamente para os que "não são comuns" (possuem nível superior?!). Comuns, deveríamos ser, todos, na busca de uma sociedade mais justa, pacífica e igualitária, em que a segurança pública e decorrente "paz social" deixassem de ser um tema da retórica política, mas sim "meta síntese", em alusão ao nome que se deu para a criação da capital do país quase meio século atrás. E não foi meta-síntese a condição de insegurança em que todos nós passamos a ter de viver, por força, entre outros fatores, da desfignação do Distrito Federal, processo iniciado com sua relativamente recente reurbanização -- súbita, acelerada e desordenada -- coisa absolutamente incompatível, em termos sociais inclusive, com o equilíbrio e estabilidade das famílias, crianças e jovens da capital do país. Talvez já seja tempo de reexaminar tudo isso...

Breve Currículo: O Professor George Felipe de Lima Dantas (doutor pela "George Washington University" dos Estados Unidos da América) é um professor universitário do Distrito Federal que presta consultorias, escreve, leciona e dirige programas acadêmicos sobre temas específicos da segurança pública. É considerado um dos poucos profissionais de segurança pública do país (pertenceu aos quadros da Polícia Militar do Distrito Federal) que aliou uma carreira pública policial com uma carreira acadêmica voltada para o que fez profissionalmente, sem enveredar por carreiras correlatas. Talvez, por isso mesmo, seja amplamente conhecido no país e tido como uma figura controvertida, já que trata da questão policial de uma maneira técnica-teórica muitas vezes desconhecida dos seus pares, ao mesmo tempo que, de uma maneira técnica-prática, calcada na experiência, condição desconhecida por especialistas acadêmicos que não exerceram a atividade policial. É um precursor, no Brasil, dos "experts em justiça criminal", profissionais que em outros países já tratam de segurança pública, de maneira específica, ainda que com uma abordagem multidisciplinar e multi-institucional calcada na prática.

Fonte : *Tribuna do Brasil*

Data : *21 de agosto de 2008*

<http://www.tribunadobrasil.com.br/?ned=2408&ntc=71802&sc=1>